



FAMÍLIA, A PROTAGONISTA NO DISCURSO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO TRABALHO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA

Ademir José Rosso¹ - UEPG

Bernadete Machado Serpe² - UEPG

Agências financiadoras CAPES e CNPq

Resumo:

O texto trata de uma pesquisa exploratória desenvolvida com 26 professores da educação básica na cidade de Ponta Grossa, Paraná. O propósito da investigação está em desvelar o que os professores pensam sobre o papel da família na relação pedagógica; e, analisar qual a representação que os professores tem de seus alunos e de suas famílias. As informações obtidas procedem de um recorte nas entrevistas em que há o discurso dos professores sobre a família. A discussão parte do fracasso escolar dos alunos com a articulação dos temas que vinculam a família à questão social da pobreza e as desigualdades educativas. Para a análise das informações há a combinação da análise de conteúdo com a leitura e interpretação do relatório emitido pelo software Alceste. Os resultados evidenciam que há indicativos de uma representação social que mostra como os professores enxergam na família uma situação de efervescência de caos que inviabiliza o desenvolvimento do trabalho pedagógico de qualidade.

Palavras-chave: Relação escola-família. Aluno idealizado. Desigualdade social.

Introdução

Neste texto apresentamos a discussão sobre o posicionamento dos professores frente à família. Cabe ressaltar que se trata de um estudo exploratório a respeito da representação que os professores possuem dos pais de seus alunos. Enfatizamos a característica exploratória porque almejamos compreender o objeto de estudo que caracteriza um contexto de pesquisa mais amplo (LAROCCA *et al*, 2005), com isso, os resultados apresentados não se referem à base da pesquisa, mas servem para se localizar na investigação. Para nós é imprescindível o caráter compreensivo nessa fase do estudo, já que, “a pesquisa exploratória é fundamentalmente compreensiva e destina-se ao estudo de fenômenos pouco conhecidos ou como fase preliminar ou etapa que antecede um processo de pesquisa mais intenso e de

¹ Licenciado em Ciências e Biologia. Doutor em Educação pela UFSC. Professor da Licenciatura de Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. ajrosso@uepg.br

² Licenciada em Pedagogia. Doutoranda em Educação pela UEPG. machado_be@yahoo.com.br

aprofundamento crítico” (*IDEM*, p. 128-129). Sustentamos que o fator compreensão está diretamente associado ao termo exploração, e se a imersão do pesquisador acontece em uma realidade desconhecida, isso pode vir a comprometer o resultado final de seu trabalho.

Esta investigação exploratória serve de base para a pesquisa de doutorado que trata da relação entre desenvolvimento moral e o processo de aprendizagem escolar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Num estudo exploratório realizado com pais em situação de vulnerabilidade social (SERPE; ROSSO, 2011), há a presença de indicativos de que os pais confiam que a escola é a promotora de um futuro diverso do que eles têm no momento, e apostam na escola como ascensora na vida de seus filhos.

Para a pesquisa exploratória fizemos um recorte somente nas falas dos professores (26) em que apareceu um discurso sobre pai, mãe, pais ou a família de modo geral. Essas falas apresentam inquietações quanto ao papel que os pais têm exercido na vida escolar dos filhos. Apresentaremos no decorrer do texto que os professores confiam, responsabilizam, e creditam aos pais o insucesso dos alunos em suas salas de aula (VARANI; SILVA, 2010). Mais que isso, enxergam a família como a grande responsável pelos problemas como indisciplina e violência na escola.

Para tentar compreender essa questão, discutiremos brevemente a respeito da relação conflituosa e problemática, que já é histórica, escola-família. Os professores tem seu trabalho desvalorizado diante da sociedade, com salário que não condiz com sua função, problemas com a infraestrutura da escola, salas lotadas, indisciplina, desrespeito e desinteresse por parte dos alunos, além do material didático insuficiente para desenvolver satisfatoriamente seu papel (ROSSO; CAMARGO, 2011).

Muitos pais dos alunos que estão hoje nas escolas, não têm e não tiveram acesso à educação escolar, e o que esperam de seus filhos diverge do que os professores esperam dos alunos (NAVARRO, 2004). Como pais as preocupações se voltam às questões mais elementares como alimentação, saúde, vestimenta e outros cuidados (VARANI; SILVA, 2010). Os professores buscam em seus alunos os pré-requisitos que se espera de um bom aluno, podemos resumir com a responsabilidade em querer aprender, o respeito, a participação ‘auditiva’ na aula, as tarefas escolares prontas, entre outras coisas (BARRETTO, 1981). Já os alunos, visualizam o professor de maneira diferente dentro e fora da sala de aula, na primeira o professor é muito rígido e visa o controle, mas na segunda o enxergam como um amigo com quem podem conversar (AQUINO, 1996).

Ao discutir sobre o imaginário da relação professor-aluno, Aquino (1996) sinaliza sobre aspectos pertinentes ao trabalho docente como participação, aspectos da sala de aula, da escola e

do aluno. O professor ao criar as normas para a convivência em sala de aula idealiza o aluno e a partir dessa idealização estabelece a distinção do certo e do errado. A participação é questão central, e o aluno ideal é aquele que participa das aulas e responde à expectativa docente.

No entanto o ser humano é inacabado, heterogêneo e complexo, o que provoca certa instabilidade dentro das salas de aula. Por ser complexo, o aluno tenta mostrar suas aptidões e interesses que não são os mesmos que o professor almeja. Quando não existe uma comunicação entre professor-aluno, há por parte dos alunos, a abertura para um grande abismo que separa o querer aprender, a curiosidade e o compromisso com as aulas, de um lado, e no outro extremo ganha força a indiferença, o desrespeito e o (des)comprometimento com as tarefas. E são esses últimos que desencadeiam nos professores a ira perante os pais e à família de seus alunos, para quem transferem toda sua falta de êxito no cumprimento de seu dever pedagógico (NAVARRO, 2004). Disso resulta que os professores podem desenvolver uma possível discriminação e certo preconceito velado em relação aos alunos.

Nas linhas consecutivas há a exposição sobre o que nos dizem as pesquisas desenvolvidas nessa área, e também a discussão sobre os atributos e responsabilidades da família e da escola. Para ilustrar essa relação apresentaremos o resultado da pesquisa exploratória com uma análise combinada entre análise de conteúdo e a leitura crítica e minuciosa do relatório emitido pelo software ALCESTE³.

A relação conturbada entre escola e família

A busca indiscriminada por culpados pelo fracasso escolar dos alunos faz com que os professores visualizem os pais como inimigos no processo de escolarização, transformando-os em vilões na arte de educar. A discussão entre a diferença e completude da representatividade de pais e professores é priorizada na pesquisa desenvolvida por Navarro (2004) no Chile, que distingue os significados e as atribuições de papéis por parte da família e da escola, indicando uma relação assimétrica entre as duas. Nessa assimetria o interesse da escola se volta à necessidade de que os esforços da família estejam direcionados e adequados ao trabalho educativo a ser desenvolvido na escola. Por sua vez a família reconhece a importância da atuação da escola, voltada à aprendizagem escolar, mas a ela interessa também que seja priorizada a aprendizagem para a vida.

Há a existência de uma lacuna na relação escola-família que é formada pelos padrões inflexíveis da escola. A crítica à família se inicia no momento em que as impressões da

³ Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte

socialização primária e a interação, entre crianças e adolescentes com seus pares ou com os adultos, não são funcionais aos propósitos formativos da escola. Para explicitar valores e expectativas que a família possui a respeito da escola, o autor demarca as categorias: instrumental (as famílias enxergam a escola como uma aposta e uma porta para um futuro melhor para seus filhos); expressivo (a escola é vista como local confiável para deixar os filhos e ir trabalhar, e os filhos nesse espaço tem amigos e participam de recreações); e instrumental e expressivo (importância da escola para o futuro das crianças, assim como também valorizam a escola como espaço benéfico para deixar seus filhos).

As características vistas pela escola sobre o bom aluno demarcam um indivíduo que tenha disposição para o aprendizado, cooperação, criatividade, autonomia e se encaixe nos padrões escolares. A participação é fator central na fala dos professores quando se referem à família, essa expectativa é levada a dois extremos: desempenho e conduta. Quando o aluno apresenta bons resultados a participação da família se limita a assistir às reuniões, controle e ajuda no lar. Mas quando os alunos apresentam um comportamento difícil ou rendimento inferior ao esperado, a escola precisa de maior presença para aconselhar e advertir sobre as consequências que acarreta um desempenho escolar medíocre.

A escola espera da família as peculiaridades do lar que possam assegurar o rendimento e o ajuste a suas expectativas, e a conduta deve ser compatível com a cultura e com as práticas docentes, nessa expectativa a disciplina é primordial. Para Navarro (2004) a relação escola-família é ditada pela escola que não aceita que a família exponha seus pedidos ou reclamações. O enfrentamento escola versus família cria um clima de hostilidade que inviabiliza o aprendizado do aluno.

O autor considera que para as famílias dos âmbitos mais pobres a escola se apresenta como uma instituição de valor, que oferece proteção, alimentação além da opção para o presente e a promessa para o futuro. Para a família a escola tem relevância nas projeções futuras para seus filhos e apoio no presente. As famílias tem consciência de seu modesto ou insuficiente valor de mudanças, de suas capacidades e disposições. A preocupação constante reside nos possíveis benefícios de um programa social e na valorização da vivência escolar para um futuro promissor.

Ao discutir a aproximação de vínculos entre escola e famílias de setores populares na cidade de La Plata na Argentina, Cafiero (2009) mostra que as transformações ocasionadas pela crise que eclodiu em 2001 na Argentina afetaram fortemente as escolas, as crianças e as famílias dos setores populares. E para controlar e administrar a atividade social, o Estado elege a escola

como instituição essencial para construir a integração social com a perspectiva de universalizar os valores e conhecimentos a serem incorporados pelas novas gerações.

Nessa perspectiva a autora problematiza as representações da escola e da educação construídas pelos membros das famílias de setores populares e as práticas vinculadas a esses significados. Evidencia que as famílias se esforçam para sustentar a escolaridade dos filhos, porém o discurso presente nas escolas e na mídia é de que as famílias de setores populares não se responsabilizam com a educação de seus filhos. Nesse discurso é fortemente enfatizado que o fracasso escolar desses alunos é devido à falta de atenção dos pais que se interessam somente à assistência econômica do governo. Traz a justificativa de que o fracasso escolar acontece pela associação de vários acontecimentos dentre os quais fortemente marcados pelas características da família e grau de instrução da mãe.

Cafiero (2009) apresenta como falsa, a hipótese de que os alunos provenientes de uma origem social elevada tenham maior êxito na escola, e que os alunos de origem social baixa tenham fracasso escolar. Mostra que isso é relativo, e que é possível que os filhos de famílias que tem mais recursos culturais e financeiros apresentem dificuldades na escola. Em compensação, os filhos de famílias desfavorecidas apresentam bons resultados escolares.

A existência sutil entre lar e família, também refuta essa hipótese. Lar está associado à ideia de grupo residencial, que podem estar ligados ou não por parentesco e que compartilham de atividades comuns no cotidiano. Já a família tem ligação biológica, de descendência na relação entre pais e filhos, de consanguinidade na relação entre irmãos, está ligado tanto a sexualidade quanto a procriação existindo a associação desses fatores nos significados sociais e culturais.

A investigação de Cafiero (2009) evidencia que os pais percebem as desigualdades educativas e as diferenças entre as escolas do próprio bairro com escolas situadas em outras localidades. É assim que dão preferência que seus filhos estudem nas escolas mais distantes, já que percebem que as escolas do bairro são mais perigosas. Isso reforça a ideia de que as escolas são desiguais e de que a educação é vista como um bem de consumo.

A escola vista pelos pais possui basicamente três sentidos que se resumem em integração à vida social, acesso a trabalho e a um futuro promissor, e contenção, provisão e cuidado frente à incerteza do presente. O relato dos pais evidencia que atribuem importância ao estudo para que os filhos tenham um futuro melhor que o deles. Existem duas formas de valorização da escola pelos pais, a primeira é a busca de integração social na forma de socialização, linguagem e conhecimento comum, a segunda representa o vínculo entre educação e trabalho. É assim que a escola se constitui como local central na vida cotidiana das

famílias. Além disso, a autora defende que as famílias, que participaram da pesquisa, apresentam uma atitude ativa e comprometida com a educação de seus filhos, e que percebem as desigualdades educativas que existem, mas ainda se posicionam passivamente frente a esse problema.

Barretto (1981) apresenta as características dos bons e dos maus alunos a partir das representações dos professores do antigo 1º grau. Os professores idealizam o bom aluno que é representado por um indivíduo de pele, cabelos e olhos claros, que tem boa aparência e roupas limpas. O mau aluno é aquele desleixado, sujo e de pele, cabelos e olhos escuros. O bom aluno é aquele que participa da aula, tem disciplina e respeita as regras, tornando mais fácil o trabalho do professor. Ao contrário, o mau aluno é indisciplinado e atrapalha o trabalho do professor.

Os professores sustentam que as características dos alunos são definidas pela família, presente aí a representação de que das famílias estáveis provém a criança ideal, e das instáveis os maus alunos. O número de pessoas dentro da família também contribui para essa representação, sendo que no imaginário docente o bom aluno vem de uma família pequena em que existe afetividade, condições econômicas e culturais que favorecem o seu desenvolvimento. As famílias muito numerosas, das quais vêm os maus alunos, são vistas como irresponsáveis em que há falta de afetividade dos pais associada a condição social desfavorável, o que irá criar dificuldades no trabalho do professor (BARRETTO, 1981).

A participação é requisito essencial na fala dos professores quando se referem à família, mas como apontam Varani e Silva (2010) o tipo de participação ideal dos pais na escola seria a participação democrática nas tomadas de decisões. No entanto como demonstram as autoras na pesquisa desenvolvida em uma escola pública do interior do estado de São Paulo, o espaço para a participação dos pais se limita ao aspecto financeiro, em eventos pontuais organizados pela escola.

As autoras fazem uma síntese da história da família para situar essa no espaço escolar. No início da contemporaneidade a divisão de papéis entre homens e mulheres é reformulada, não há mais o estereótipo de tarefas atribuídas distintamente pelo gênero. As mulheres ganham espaço no mercado de trabalho e com isso a família já não é mais o único núcleo das crianças. As crianças permanecem mais tempo na creche ou na escola do que propriamente com a família.

É nesse momento que surge a divisão de responsabilidades entre escola e família, e decorrente disso há também uma inversão de papéis em que a escola cobra dos alunos normas de conduta, e a família se ocupa de ensinar os filhos os saberes formais. Essa inversão é perversa e dissimula as atribuições tanto da escola como da família. As autoras enfatizam que

as responsabilidades da família e da escola são distintas, e que “à família cabe o papel de cuidar e educar bem as crianças e à escola cabe cuidar da educação formal (sistemática) e promover o desenvolvimento físico, social, intelectual, emocional, moral e afetivo dos alunos.” (VARANI; SILVA, 2010, p.524-525).

Há um grande equívoco em culpabilizar o fracasso escolar do aluno por sua origem social e sua base familiar, pois “[...] a estrutura da família é também resultado de uma estrutura social, e a relação família-escola também é resultado de outras relações sociais.” (VARANI; SILVA, 2010, p. 518). O que acontece é que não existe uma boa comunicação entre família e escola. As autoras concluem, com os resultados da investigação, que a presença e participação dos pais nas reuniões não são determinantes na constituição do bom ou do mau aluno. Outros fatores devem ser considerados nessa constituição, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou culturais. Sustentam ainda que por mais que a família desempenhe um papel essencial no desenvolvimento das crianças, não há como a considerar como a única responsável pelo sucesso ou fracasso escolar de seus filhos.

Procedimentos para coleta e análise das informações

O recorte da amostra analisada foi 26 sujeitos, professores da educação básica de escolas públicas da cidade de Ponta Grossa, que em suas falas, nas transcrições das entrevistas, expressaram a relação escola-família ao problematizar as situações que causam desgaste na profissão docente.

Procedemos de uma análise combinada entre a leitura do relatório emitido pelo Alceste, com a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) das informações textuais. Além disso, separamos por evocações os segmentos de texto que se referiam à família. Nas evocações já é possível detectar como os professores enxergam a família e que tipo de relação estabelecem com essa. As palavras que mais acompanham a família nas falas dos professores são: *ausência, falta de comprometimento ou o descomprometimento, descaso, desestruturadas, falta de interesse, falta de participação, irresponsabilidade, pouco envolvimento, incompreensão.*

Os professores se queixam e transferem para os pais os problemas que enfrentam em sala de aula. A palavra ausência, no material analisado, é constantemente acompanhada do qualitativo total, o que sinaliza que a família não se ocupa devidamente da vida escolar de seus filhos. Isso reflete no segundo atributo que é o descompromisso em que os pais não se comprometem a ajudar os professores e, mais que isso, não se ocupam no acompanhamento das atividades escolares dos filhos. Decorre daí o descaso e a irresponsabilidade dos pais pela

educação escolar. O discurso das famílias desestruturadas ganha força e é tido como o mais singular na queixa dos professores, o que sugere uma das causas pelas quais o aluno não consegue um bom rendimento escolar, além de apresentar problemas de convivência com os colegas e principalmente com os professores no espaço de sala de aula. O pouco envolvimento e a incompreensão revelam que os professores não sentem que seu trabalho em sala de aula é valorizado pelo país.

Na análise de conteúdo verificamos que os professores estabelecem uma ligação dos problemas que enfrentam com os alunos dentro de sala de aula com as relações familiares desses. Classificamos o corpus em cinco categorias: mal estar docente; famílias desestruturadas; professor elitista; valorização pedagógica; e, problemas pedagógicos. Na tabela 1 apresentamos as temáticas que ilustram as categorias.

Tabela 1: Categorização da análise de conteúdo

Mal estar docente	Famílias desestruturadas	Professor elitista	Valorização pedagógica	Problemas pedagógicos
- desrespeito - desinteresse - descompromisso dos pais - indisciplina - necessidade da intervenção do conselho tutelar - ausência da família - ausência dos pais - falta de acompanhamento das tarefas escolares pelos pais	- os filhos não respeitam os pais - falta de preocupação com os filhos - dificuldade para o professor lidar com o aluno em sala de aula - a escola tem a função de ensinar, a educação deve vir de casa	- presença da criança na escola está vinculada ao recebimento de benefícios sociais - alunos de classes mais baixas não respeitam e não tem disciplina - a criança sai da escola para trabalhar com os pais - pais se preocupam somente em receber o benefício social e não com a aprendizagem escolar	- no ensino à distância e na educação de jovens e adultos os alunos valorizam mais o professor: - no passado o professor era mais valorizado - o professor não recebe formação para enfrentar determinados problemas - a família no passado era mais presente	- a própria escola não valoriza o conhecimento - gestão escolar se distancia do professor - burocracia trava o trabalho do professor - falta de material didático - salas lotadas - desrespeito por parte da escola

Os professores explicitam claramente sua opinião a respeito das atribuições da família na vida escolar dos filhos, e mostram como essa relação interfere no desenvolvimento de seu trabalho. O *mal estar docente* revela que os professores atribuem à família ausente a responsabilidade pelo desencadeamento do que acontece em sala de aula como desrespeito, violência, indisciplina que promovem a desmotivação do professor porque enxergam seu trabalho desvalorizado. A ausência da família gera o descompromisso e a irresponsabilidade do aluno que resulta na indisciplina em sala de aula.

A categoria *famílias desestruturada* traz a visão estereotipada que o professor tem a respeito da composição da família, em que seria formada (de preferência) pelo casal e dois ou

três filhos. Quando a estrutura é diferente causa desconforto ao professor que habilmente transfere para a família os problemas que enfrenta em sala de aula.

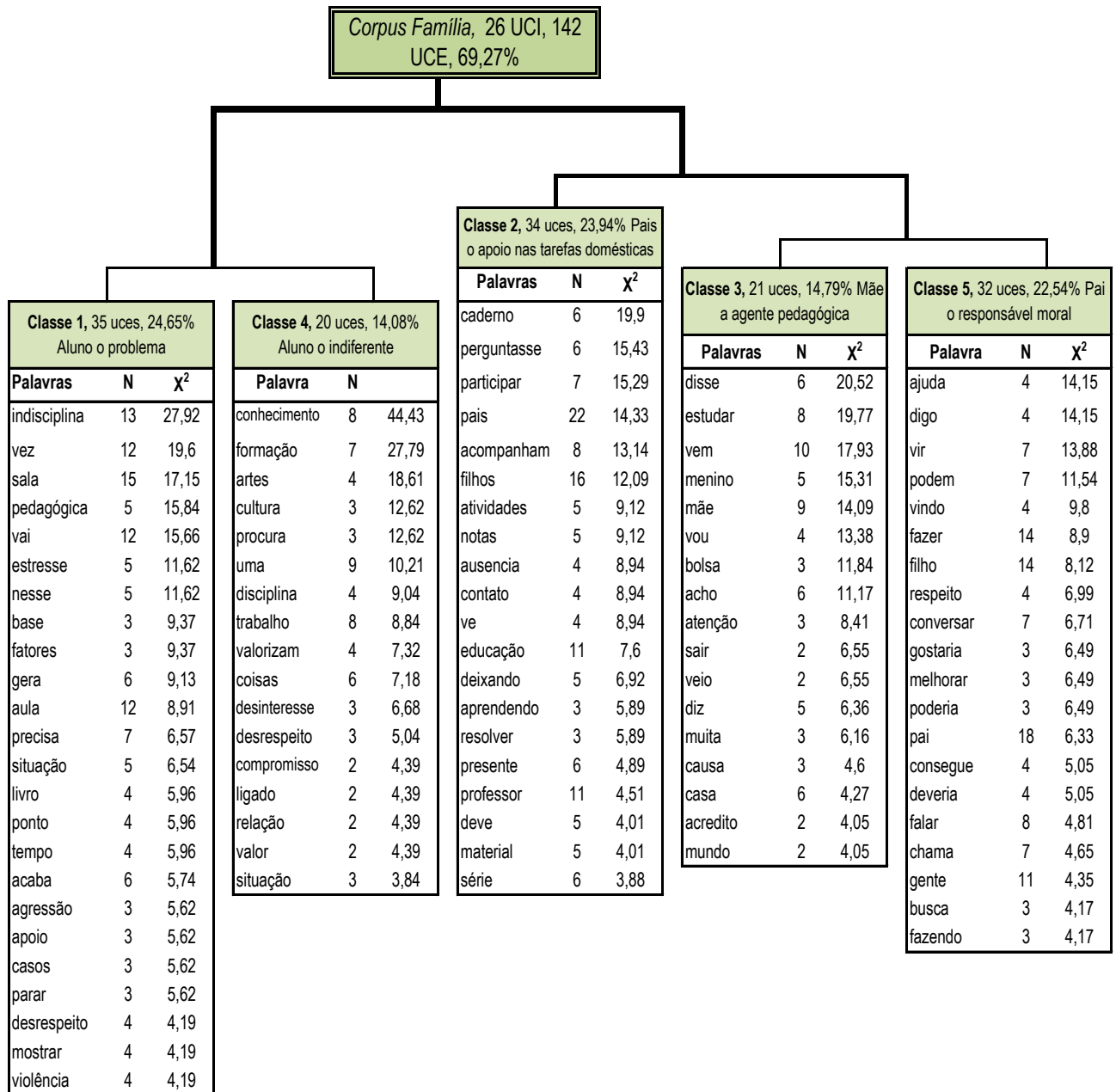
Na categoria *professor elitista* é explícito o posicionamento que o professor tem em relação aos alunos que vem de uma classe social desfavorecida. A desqualificação dessa classe pode ser tida como discriminatória, em que o professor culpabiliza a situação social do aluno porque o mesmo não acompanha o processo educativo da escola. O aluno é aquele que vai para a escola somente com a intenção de receber um benefício social, e que os pais partilham desse propósito ‘maquiavélico’.

A *valorização pedagógica* está articulada às falas dos professores que demonstram o êxito pedagógico em outras modalidades de ensino como a educação de jovens e adultos (EJA) e a educação à distância (EAD). Além disso, visualizam no passado a valorização dos professores e da aprendizagem escolar bem diferente da atual.

A categoria *problemas pedagógicos* articula a ausência da família com os enfrentamentos que se tem na própria escola. Os professores enxergam que os problemas em sala de aula são também reflexos da verticalização nas relações existentes dentro das escolas, e que esses problemas somados a salas lotadas e falta de material didático ocasionam o desgaste do profissional docente.

Os trechos das entrevistas que se referiam aos pais ou à família compuseram o *corpus família* que foi tratado pelo software Alceste. O programa efetua a leitura, classifica as palavras de acordo com suas ocorrências e ainda as agrupa em classes. Cada entrevista constitui uma unidade de contexto inicial (UCI), a divisão das UCIs em segmentos de texto equivale às unidades de contexto elementar (UCE). (CAMARGO, 2005).

O dendograma representado na Tabela 2 explana o resultado da classificação hierárquica descendente (CHD), que permite a visualização da estabilidade das classes. O *corpus* foi formado por 5 classes ordenadas. Das 26 UCIs procederam 205 UCEs, dessas foram analisadas 142, que corresponde a 69,27%. O valor mínimo do X^2 (qui quadrado) considerado foi 3,84.

Tabela 2: Dendograma da Classificação Hierárquica descendente do *Corpus Família*

A primeira partição em que se inserem as classes 1 e 4 tratam especificamente das informações referente aos alunos. Na segunda partição o que aparece nas classes 3 e 5 é o universo familiar e também a distinção entre os genitores, a visão que os professores tem da mãe é diferente da que possuem do pai. Nessa relação é intrínseco o modelo primoroso de família almejado pelo professor, que venha a satisfazer suas expectativas com os alunos. Na última partição é demonstrado o que se espera da família no sentido de contribuição e complemento ao trabalho desenvolvido na escola.

A *classe 1*, aluno o problema, é composta por 24,65% do corpus e possui 35 UCEs, é a mais representativa no *corpus*. O sujeito é a *criança* ($X^2 = 3,72$), os verbos que expressam as ações são: *vai, gera, precisa, acaba*. Os substantivos que atribuem significado às ações e ao sujeito se referem à *indisciplina, sala, estresse, base, fatores, aula, situação, livro, ponto, tempo, agressão, apoio*, e são acompanhados do qualificativo *pedagógica*. As ações se ligam à posição que o sujeito criança adquire na sala de aula.

A indisciplina tem outros fatores, às vezes mais familiares do que propriamente dito da escola, questões bem íntimas. Com a indisciplina você tem que parar a aula chamar atenção, mostrar que aquelas atitudes não condizem com a sala de aula. (Indiv_35)

[...] então a família ausente e o ápice de tudo aqui. Aí então gera a irresponsabilidade e dentro da sala de aula vou ter a indisciplina, justamente pelo fator que não aprendeu a educação e não foi repassada antes na casa. (Indiv_26)

Os substantivos reforçam a nomenclatura da classe, em que a criança causa certo desconforto dentro da sala de aula. E a criança, como sujeito, é o ponto negativo das relações na escola, ou seja, a família não prepara a criança para chegar à escola com os pré-requisitos necessários para se desenvolver como um bom aluno.

A *classe 4*, aluno o indiferente, integra 14,08% do corpus com 20 UCEs. O sujeito está implícito, mas podemos concluir a partir da fala dos professores e das ações e substantivos, que trata do aluno. Há uma expressividade no número de substantivos que aparecem na classe e as ações são demarcadas somente pelos verbos *procura, valorizam*. Os substantivos *conhecimento, formação, artes, cultura, disciplina, trabalho, desinteresse, desrespeito, compromisso, relação, valor, situação*, mostram que o professor busca a valorização de seu trabalho, por sua formação, perante os alunos.

[...] numa boa formação as duas coisas andam juntas, para ter uma formação em conhecimento ele precisa de uma formação disciplinar. Como ele não tem nenhuma e nem outra ele acaba não valorizando a educação, por isso há o desinteresse, se a família incutisse o valor da autodisciplina e do conhecimento, da formação, acho que o aluno procuraria. (Indiv_30)

[...] na verdade questiono a educação, a escola está aqui para ensinar, educação ele deve trazer de casa. Se falta isso, esse cidadão terá uma formação incompleta, gerando desinteresse, indisciplina, violência, drogas. (Indiv_7)

[...] da parte do aluno, a falta de reconhecimento dá a impressão de que estou dando murros em ponta de faca, mas mesmo assim trabalho da melhor forma para não afetar o aluno e fazendo de tudo para que aprenda. (Indiv_6)

Novamente a família não cumpre com a “função” de oferecer aos filhos, as especificidades necessárias para ser o bom aluno. Os requisitos básicos expressos pelos substantivos revelam que o professor idealiza o aluno e as relações estabelecidas em sala de

aula. Porém, o aluno é heterogêneo, complexo e ainda desrespeita o professor, principalmente, no momento em que não considera sua formação, o que causa frustração pedagógica.

Na *classe 2*, pais o apoio nas tarefas domésticas, estão presentes 23,94% do corpus com 34 UCEs. Há três sujeitos *pais, filhos, professor*. As ações são: *perguntasse, participar, acompanham, vê, deixando, aprendendo, resolver, deve*. Os substantivos da classe são *caderno, atividades, notas, ausência, contato, educação, presente, material, série*. As ações e os substantivos posicionam os pais no centro da classe e ligados às questões pedagógicas na forma de acompanhamento e participação nas tarefas encaminhadas pela escola.

A ausência dos pais no cotidiano escolar e o que está dificultando o trabalho, pois se percebe que não estão participando, estão deixando de cobrar, verificar como os filhos estão se saindo na escola. (Indiv_20)

Essa falta de compromisso deles esta associada com a ausência da família, pois muitas vezes os alunos faltam e seus pais sequer sabem onde seus filhos estão, percebemos então essa falta de compromisso dos alunos em fazer as atividades e participar da escola. As famílias, a maioria das nossas famílias daqui estão desestruturadas. (Indiv_12)

Pais e filhos tem suas funções bem demarcadas pelas ações e substantivos. Aos pais compete como *dever* o acompanhamento das atividades do filho, a participação na vida escolar e a resolução dos conflitos. Aos filhos é atribuída a capacidade de tirar notas boas, mas para isso devem chegar à escola com uma educação que possibilite a aprendizagem.

A *classe 3*, mãe a agente pedagógica, representa 14,79% do corpus com 21 UCEs. Há a exposição do que esperam dos sujeitos *mãe e menino*. A figura da mãe aparece como intermediária nas relações de cuidado com seus filhos, e mostra a necessidade da mãe em colaborar com a escola mostrando para eles o valor dessa. As ações: *disse, estudar, vem, vou, acho, sair, veio, diz, acredito*, se articuladas aos substantivos *bolsa, atenção, causa, mundo*, expressam também outra perspectiva em que as mães não se ocupam da relação escola-aluno, o que prejudica o trabalho desenvolvido em sala.

O interesse acho se tirassem essas bolsas eles não viriam mais aqui. Assim que funciona, tudo social, a parte social perdeu o dinheiro agora interessa a escola. O que vem sem a bolsa já é diferente vem mesmo porque precisa, vem por conhecimento, quer aprender e que o pai e a mãe valorizam o estudo, e da família isso, quando a família dá o respaldo eles se interessam. (Indiv_25)

[...] na escola a família faz muita falta. E difícil educar sem a família. É falta de família, do pai e da mãe ensinar os valores a eles. Acho que a família também peca, as meninas são muito levadas. (Indiv_8)

A existência de uma lacuna entre o projeto social com o projeto educativo, é reforçada no sentido de que alunos que recebem benefício social do governo, não se ocupam

do estudo e da aprendizagem, mas somente da presença na escola para não perder tal benefício.

A *classe 5*, pai o responsável moral, detém 22,54% do corpus com 32 UCEs. Aparecem os sujeitos *pai e filho*, a figura do pai é representada como o chefe da família que tem um espaço temporal bem demarcado nas relações morais, ou seja, é o pai o grande responsável na formação moral de seu filho. As ações: *ajuda, digo, vir, podem, conversar, gostaria, melhorar, poderia, consegue, deveria, falar, chama, fazendo*, incitam que ao pai cabe a função de chamar a atenção de seu filho para que esse corresponda aos preceitos da instituição escolar, mais especificamente da sala de aula.

A escola funciona tendo pilares e a família é um desses pilares e quando ela vem junto com a gente com o nosso trabalho nos ajuda muito. (Indiv_24)

[...] se a família não sabe que o filho não vem para a escola não podemos fazer muita coisa. Gostaríamos que os pais viessem e participassem mais da escola, e mesmo que ajudassem seus filhos na tarefa da educação, pois sabemos que a escola sozinha não consegue fazer essa educação. (Indiv_12)

[...] os alunos são assim porque vem de uma classe mais baixa onde não se encontra a presença da família e eles não tem respeito, não são disciplinados, não sabem parar entender um chamado, respeitar os limites. (Indiv_13)

Resta afirmar que o pai é o ícone que representa a família e a normatividade nas relações sociais que são estabelecidas dentro da escola. E se o indivíduo não tem os subsídios morais, para satisfazer os objetivos da instituição, a família deve arcar com a responsabilidade. Se ocupando do ensino os professores acreditam que se desobrigam da educação dos alunos.

Considerações finais.

A discussão que parte dessa pesquisa exploratória, considera que há indícios da existência de uma representação social (RS) dos professores referente aos pais ou à família, pois existe uma opinião partilhada pelo grupo de professores, que tem presente aspectos que revelam certa unanimidade a respeito das informações fornecidas. A Teoria das RS se caracteriza por fundamentar a construção dos conhecimentos cotidianos. Apresenta o senso comum e o analisa a partir da vida cotidiana das pessoas, tem como finalidade a criação de um elemento comum a todos que participam do grupo, e a produção do consenso dentro desse grupo (MOSCOVICI, 1985).

Existe uma organização presente nos grupos, a qual implica a busca pelo entendimento sobre o que se passa no interior do grupo, não partindo exclusivamente de um indivíduo porque uma informação não depende somente de um emissor (RETONDAR, 2007).

No entanto, o papel do sujeito é essencial na definição de uma RS, porque é desencadeada por uma criação e uma vontade do sujeito (MOSCOVICI, 1985). A abordagem dimensional proposta por Moscovici (1978) trata da importância de se considerar os três elementos centrais na constituição de uma RS: a informação, a atitude, e o campo. A informação expressa o conhecimento que determinado grupo tem referente a um objeto social; a atitude é delineada a partir do posicionamento que o grupo tem em relação ao objeto social; e, o campo se define pela forma como o grupo abstrai, em forma de imagem, o objeto social.

As evocações expressam o que um grupo específico lembra em primeiro lugar, o que se tem mais presente na memória coletiva (SÁ, 1998). No presente estudo a questão está em verificar o que os professores lembram quando falam sobre a família. As evocações sugerem a atitude que se tem perante o objeto de RS. Nesse caso as atitudes que os professores tem a respeito da família é de lamúria, angústia, cobrança e desafeto.

Os professores expressam um conhecimento referente à família, porém esse conhecimento compartilhado surge das relações e experiências que se estabelecem em sala de aula com os alunos, e que podem instigar o imaginário docente a um equívoco. As informações que emergem desse cenário mostram que o professor define a família como uma instituição em decadência que não se compromete com a educação dos filhos.

O campo de representação surge como um emaranhado de imagens que se articulam e se desdobram em situações caóticas que se define na imagem negativa da família. Esse caos é determinado principalmente pela ausência da família na vida escolar dos filhos e pela desestrutura da família.

As lamentações dos professores sustentam a hipótese de que existe uma concepção voltada a um modelo de família ideal, que prepara a criança para a vida escolar e que tenha presente os princípios exigidos para a boa convivência no ambiente escolar. Numa tentativa de conclusão, sustentamos que o problema da queixa docente a respeito das famílias desestruturadas está alicerçada na ideia que se tem do casal unido, em que o homem (pai) representa a figura que orienta e dita as normas de conduta, e a mulher (mãe) é a provedora a qual sustenta as relações e conduz os filhos com afeto e dedicação. Assim quando há a ausência de um dos pais existe um declínio na efetivação do ensino, pois não existirá uma das sustentações necessárias para promover o ajuste social na criança.

Referências:

- AQUINO, J. G. Por uma leitura institucional do cotidiano escolar. In: _____. **Confrontos da sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996. p. 147-157.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETTO, E. S. de S. Bons e maus alunos e suas famílias, vistos pela professora de 1º grau. **Cadernos de Pesquisa**, n. 37, p. 84-89, Maio, 1981. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/485.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2012.
- CAFIERO, M. M. Ir a la escuela em búsqueda de uma certeza. Uma aproximación a los vínculos entre familias y escuelas em sectores populares. 2009, 54 f. **Tesis** (Licenciatura). Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.344/te.344.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.
- CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In. MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUÍNO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs) **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2005, p. 511-539.
- LARocca, P.; ROSSO, A. J.; SOUZA, A. P. de. A formulação dos objetivos de pesquisa na pós-graduação em Educação: uma discussão necessária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.2, n.3, p.118-133, mar. 2005. Disponível em: http://www2.capes.gov.br/rbpg/images/stories/downloads/RBPG/vol.2_3_mar2005_/118_133_forumulacao_objetivos_pesquisa_posgraduacao_educacao.pdf. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- _____. (1981). On social representation. In: FORGAS, J. P. (Ed.). **Social Cognition** (pp. 181-209). London: European Association Experimental Social Psychology / Academic Press. Versão traduzida: Sobre representações sociais. Tradução de Cléia Maria Nascimento Schulze. Florianópolis: UFSC, 1985. p. 01-17.
- NAVARRO, L. N. La configuración de la educabilidad em sectores urbanos pobres. In: _____. **La escuela y las condiciones sociales para aprender y enseñar: equidad social y educación en sectores de pobreza urbana**. Buenos Aires, Argentina: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación – UNESCO, 2004. p. 69-123. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd63/144316s.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.
- RETONDAR, J. J. M. A noção de representação social nas perspectivas dos estudos da psicologia social e do imaginário social: aproximações e afastamentos. In: MONTENEGRO, E.; RETONDAR, J.; CAVALCANTI, P.; MONTENEGRO, A. (Orgs). **Imaginário e representações sociais: corpo, educação física, cultura e sociedade**. Maceió: EDUFAL, 2007. p. 15-44.
- ROSSO, A. J.; CAMARGO, B. V. As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses. **Educação Temática Digital**, v. 13, n. 1, 2011. p. 269-289. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2346>. Acesso em 17 de fevereiro de 2012.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

SERPE, B. M.; ROSSO, A. J. O que pensam os pais, em situação de vulnerabilidade social, sobre a construção de valores e o processo de escolarização de seus filhos. **X EDUCERE** – Congresso nacional de Educação e I SIRSSE – Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. ISSN 2176-1396. Curitiba: PUCPR, 2012. p. 12497-12505. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5036_3182.pdf. Acesso em 14 de março de 2012.

VARANI, A.; SILVA, D. C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez. 2010. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1643/1364>. Acesso em 17 de fevereiro de 2012.